

O SECULO

ADMINISTRACAO, REDACAO E OFFICINAS
RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

ENDERECO TELEGRAFICO: SECULO - LISBOA

TELEFONES: 4.000, 4.001, 4.002, 4.000, 4.001, 4.002
SUCURSAL DO RIO: N.º 3.329

REDATOR PRINCIPAL — AMADEU DE FREITAS

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA

ANTONIO MARIA LOPES — EDITOR

Morreu Guerra Junqueiro!

O falecimento do Grande Poeta, simbolo da Raça, causou em todo o paiz o mais extraordinario pezar

Os seus funeraes serão nacionaes — Consta que o cadaver do Poeta, depois de passar pelos Jeronimos, será sepultado em Freixo de Espada-á-Cinta, ao lado de sua mãe

Junqueiro determinou que o seu enterro seja religioso, não querendo discursos nem flôres

Está de luto a nação. Um dos seus mais egregios filhos, o maior poeta da latinidade em nossos dias, e dos maiores em todas as épocas, expirou suavemente hontem, quando dealhava a manhã, devolvendo ao seio misterioso do Além o espirito formosissimo, cujas irradiações de beleza nos ofuscaram durante meio seculo e hão de proseguir deslumbran-

em volta do poeta. Uma unanimidade, porém, permaneceu e permanece indestrutível e na qual se conjugam as opiniões e os juizos dos que lhe applaudiam ou verberavam a attitude: a unanimidade no reconhecimento do merito insuperavel, da portentosa grandeza do Artista. Nunca houve, a tal respeito, vozes dispaes.

Guerra Junqueiro amou apaixonadamente a terra que teve a fortuna de lhe servir de berço e ninguém a exaltou e a defendeu com tamanha bravura, tamanho donaire e galhardia tamanha, sempre que n'este benigno céu se acastelaram nuvens presagas e em torno de nós rugiram ameaças ou se ergueram perigos. A sua lira tangeu então acordes que fizeram vibrar os corações menos sensíveis, que flagelaram os responsáveis das nossas desditas, que desentoperaram adormecidas energias, sacudindo a consciencia nacional do sono letargico, e pondo-lhe deante dos olhos as estimuladoras lições do passado e as promessas ridentes do futuro...

O seu verbo, quer dardejasse na musica e na cintilância do metro ou da rima, quer fulminasse na prosa magistral, em que a limpidez, o vigor e a harmonia eram igualmente incomparáveis, nunca deixou de estar ao serviço de todas as grandes causas. Foi Guerra Junqueiro um dos artifices do regimen. Muitas das dificuldades que asoberbaram, e talvez ainda asoberbem, a radicação das novas instituições, possivelmente não teriam surgido ou se removeriam sem custo, se a palmeira do conselho do poeta houvessem sido escutados. Guerra Junqueiro era fundamentalmente um sequioso de justiça, um rectilíneo caracter, um prototipo de lealdade como amigo e de indulgencia como adversario e que, uma vez apaziguados e delididos os ardores da juventude tumultuosa e demolidora, não trepidou em confessar nobremente o que, em seu criterio, entendeu serem erros da sua visão ou excessos da sua pena.

O nome e a obra de Guerra Junqueiro transpuzeram, de ha muito, os porticos da imarcessivel gloria. Estão consagrados por quantos sabem falar e deletrear a opulenta e forte e doce lingua em que se escreveram *Os Simples*, as *Orações*, os tercetos de Nun'Alvares. No doloroso transe que sofremos com a morte do poeta maximo, e que enche de sincero luto os povos que falam a lingua de Camões, se um lenitivo existe pa-

do em que se comprazia incançavelmente o seu cerebro sublime, deu na morte o exemplo de uma independencia de animo, de uma largueza e superioridade de vistas e de uma elegancia espiritual que não podem nem devem ficar despercebidas e esteis.

Perante os despojos de Guerra Junqueiro, que foram o involucro de um dos mais insignes e preclaros filhos da terra de Portugal, curvamos, reverentes e compungidos, na certeza de que, á beira do modesto cafalco, a Patria portugueza chora, comdoço, o príncipe dos seus poetas contemporaneos, o ultimo dos seus estupendos cantores!

Como faleceu o poeta

Do Porto, onde os prenuncios graves da doença começaram a fazel-o soír, Junqueiro fez-se transportar, ha algumas semanas, a Lisboa, á casa da rua Silva Carvalho, 52, onde reside seu genro, o antigo ministro sr. dr. Mesquita de Carvalho. Não era a primeira vez que o mal o atormentava; mas um secreto presentimento dizia-lhe que essa seria a ultima «etapa» da sua vida.

Quiz morrer entre os que lhe eram queridos — e veio. A casa da rua de Santa Catarina, na capital do norte, que o povo conhece pela «Casa do senhor poeta», foi encerrada. E Guerra Junqueiro, n'uma habitação quasi semelhante á de Camilo, em S. Miguel de Seide — o mesmo terreiro, uma enorme acaela ao centro, uma dupla escadaria antiga, o mesmo portão amplo — recolheu-se á carinhosa companhia dos seus mais proximos parentes, de sua veneranda esposa, a sr.ª D. Filomena Guerra Junqueiro, de suas filhas D. Maria Izabel e D. Julia, de seu genro e da sua dedicada serva Ana.

N'um ambiente religioso o Poeta viveu os seus ultimos dias. Barros violavam o segredo da sua singuissima existencia. Os medicos recomendavam-lhe o mais profundo repouso e a familia resguardava-o de tudo o que pudesse perturbal-o. Não lia livros nem jornaes e as visitas eram poucas e só permitidas a intimos, tendo-se aberto apenas uma excepção para um jornalista brazileiro que esteve recentemente entre nós e que, mesmo assim, só pôde vê-lo.

Nas ultimas noites, depois que os medicos tinham desesperado de o salvar, Guerra Junqueiro presentiu, nas lagrimas e nos soluços irremovíveis das queridas pessoas que o cercavam, o desenlace fatal. Nem por isso se entristeceu. Confortado, ele mesmo encorajava a esposa e as filhas. A sua longa agonía foi cheia de tranquillidade e de um enorme bem estar espirital.

Lucido, falando de tudo e de todos com a maior clareza e serenidade, nem um só momento a doença taldou o seu fulgurante espirito. Os olhos tinham o mesmo brilho agudissimo, a alma a mesma pureza, o busto a mesma palidez serafica.

que não pode descrever-se, o rosto austero do que acabava de entrar na eternidade. Guerra Junqueiro morrera como um santo e um justo.

A doença agravara-se ha tres semanas

O Poeta sofria de uma bronquite cronica, purulenta e difusa. Ha muitos anos que a doença o assediava, com intermitencias variadas. No inverno do ano passado o mal agravou-se mas, chegada á primavera, melhorou e continuou a trabalhar afincadamente nas suas ultimas produções.

Ultimamente o mal exacerbou-se. Ha tres semanas o doente foi atacado d'uma

febre aguda pulmonar bronco-pneumonica. E porque o seu aparelho respiratorio estava excessivamente deteriorado e o depauperamento de todo o organismo chegara ao extremo, os medicos deram-lhe em perigo de vida.

Os srs. drs. Moreira Junior e Assis Brito, que lhe assistiam permanentemente, começaram a ter graves receios. No domingo, depois de varias conferencias medicas, reuniram-se no consultorio do primeiro d'aquelles distinctos clinicos os srs. drs. Santos Silva, medico assistente do enfermo no Porto, e Teixeira Bastos, sobrinho d'ele e professor da Faculdade de Medicina da capital do norte, que estudaram a marcha da doença e os seus variados incidentes, concluindo que o estado de Guerra Junqueiro era de altissima gravidade.

Infelizmente, mau grado a proficiente assistencia medica d'esses clinicos, e adjuvados, em parte, pelos srs. drs. Melo Breyner e Flôres, o doente não melhorou. Desde quarta-feira, o sr. dr. Moreira Junior considerava-o sem esperanca e hontem, ás 7 horas, correu á casa da rua Silva Carvalho, mas apenas pôde registrar o obito.

As ultimas disposições do falecido

O Poeta deixou testamento, que não foi

— Não quero levar flôres, porque não desejo que elas morram por minha causa.

O corpo será hoje transportado para a Basilica da Estrela

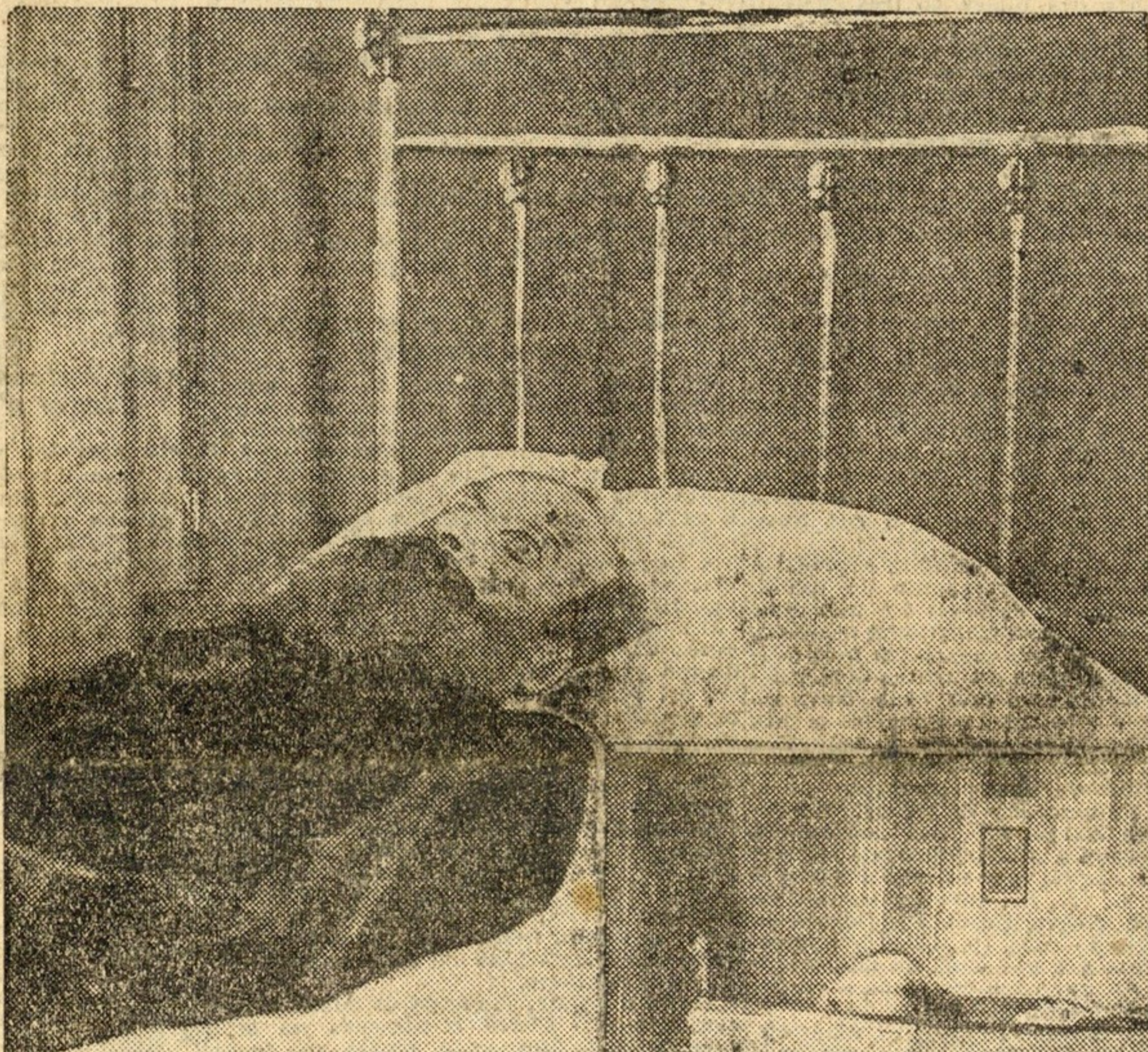
Cerca das 10 horas, foi vestido ao querido morto um simples fato de jaquetão preto. Sem atavios e sem condecorações, ficou repousando, no seu derradeiro sono, dentro d'uma urna de mogno collocada no escritorio de seu genro.

D'uma palidez divina, o seu rosto ressumbrava uma infinda espiritualidade. A camara ardente, iluminada por oito velas, tinha, ao fundo, um crucifixo e uma imagem do Coração de Jesus. Durante o dia velaram o cadaver apenas as pessoas de familia, á excepção da viuva que, mortificada de desgosto, não pôde sair do seu quarto.

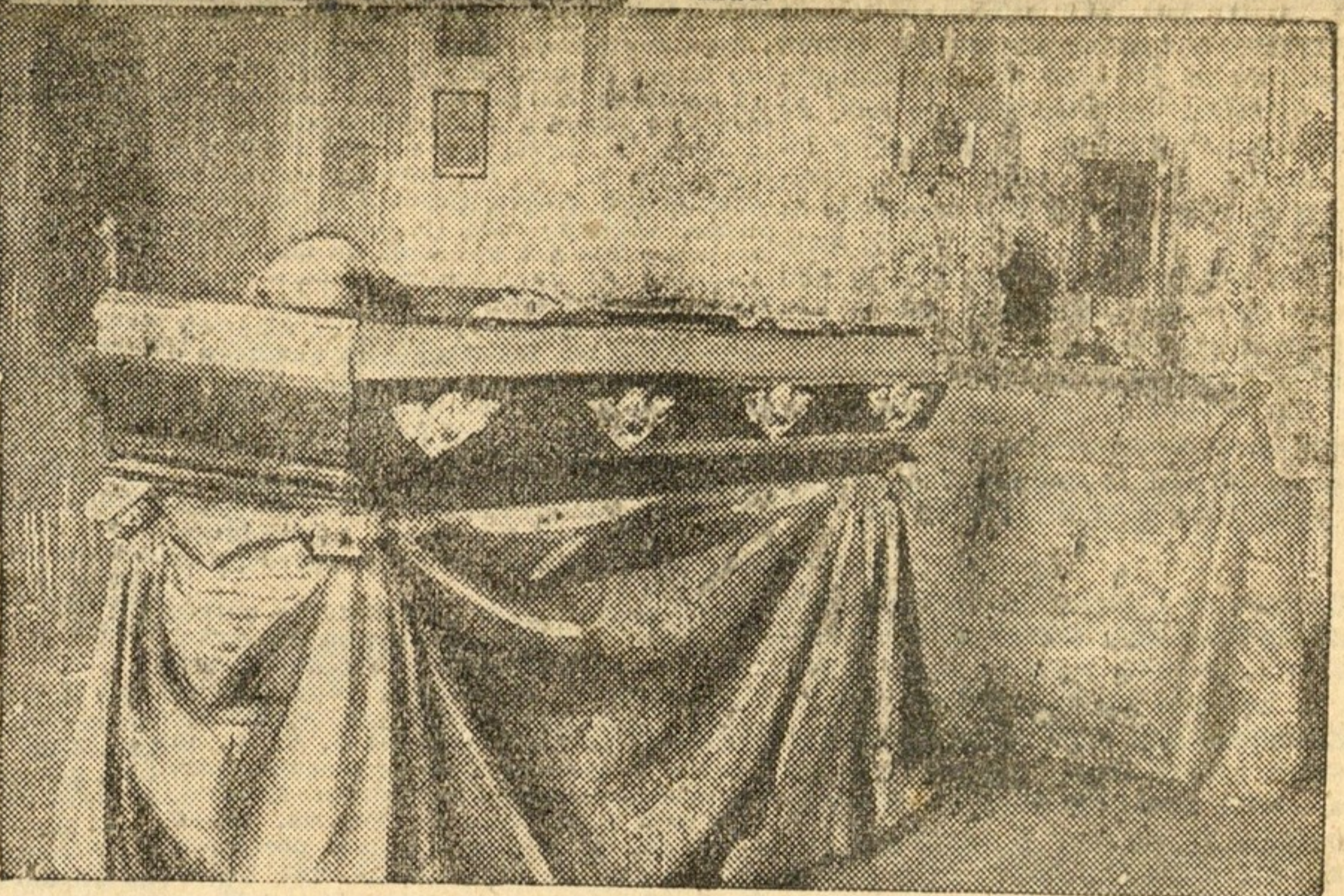
Apesar do falecimento se ter dado ás 6 horas, só foi comunicado á imprensa e aos amigos do Poeta ás 8, depois da verificação do obito. Logo que a noticia foi conhecida na cidade, pelos placaras do Seculo, muitas centenas de politicos, escritores, jornalistas, operarios e estudantes acorreram á casa da rua Silva Carvalho, a Campo de Ourique, a exprimir o seu pezar, n'uma sentida manifestação de dor.

Uma das primeiras pessoas que alli estiveram foi o sr. presidente do Ministerio, em nome do Governo. O sr. Antonio Maria da Silva esteve, então, tratando com o sr. dr. Mesquita de Carvalho da realização dos funeraes.

O corpo do Poeta será transportado hoje, ás 17 horas, para a Basilica da Estrela, onde ficará até que se resolva para onde deve seguir. Ao que nos consta, depois de o fazer passar pela Camara Municipal, será conduzido, sem pompas, para o templo dos Jeronimos, ficando ali até seguir para Freixo de Espada-á-Cinta, onde será sepultado ao lado de sua mãe.



O poeta no leito onde morreu — O cadáver na urna



O poeta no leito onde morreu — O cadáver na urna

ainda aberto por se encontrar encerrado no cofre d'um Banco do Porto. Entretanto, horas antes de morrer, disse as suas ultimas disposições. A esse respeito a familia comunicou o seguinte á imprensa:

Por determinação expressa e repetida do finado, e que á familia cumpre respeitar, o funeral será religioso e modesto, não se recebendo corôas nem flôres nem se pronunciando tambem discursos.

A proposito, o eminente espirito teve uma linda frase para os seus:

E' grande o espolio literario do Poeta

Guerra Junqueiro deixa um grande nu-

mero de trabalhos literarios que estava preparando. O seu espolio literario é valiosissimo. Nas suas casas de Barca d'Alva e do Porto encontra-se a maior parte d'ele, pelo que não é, por agora, possivel reunir-o.

Alguns dos trabalhos em preparação trouxe ele para Lisboa, onde funcionava acabal-os. Entre eles figura, quasi completo, o «Prometeu Libertado», livro de versos anunciado ha alguns anos. Junqueiro trabalhava n'ele com muito entusiasmo, tendo chegado a fazer, no Porto, dez e mais horas de trabalho por dia. A revisão da *Patria* preocupava-o tambem bastante, parecendo que ficou quasi concludida.

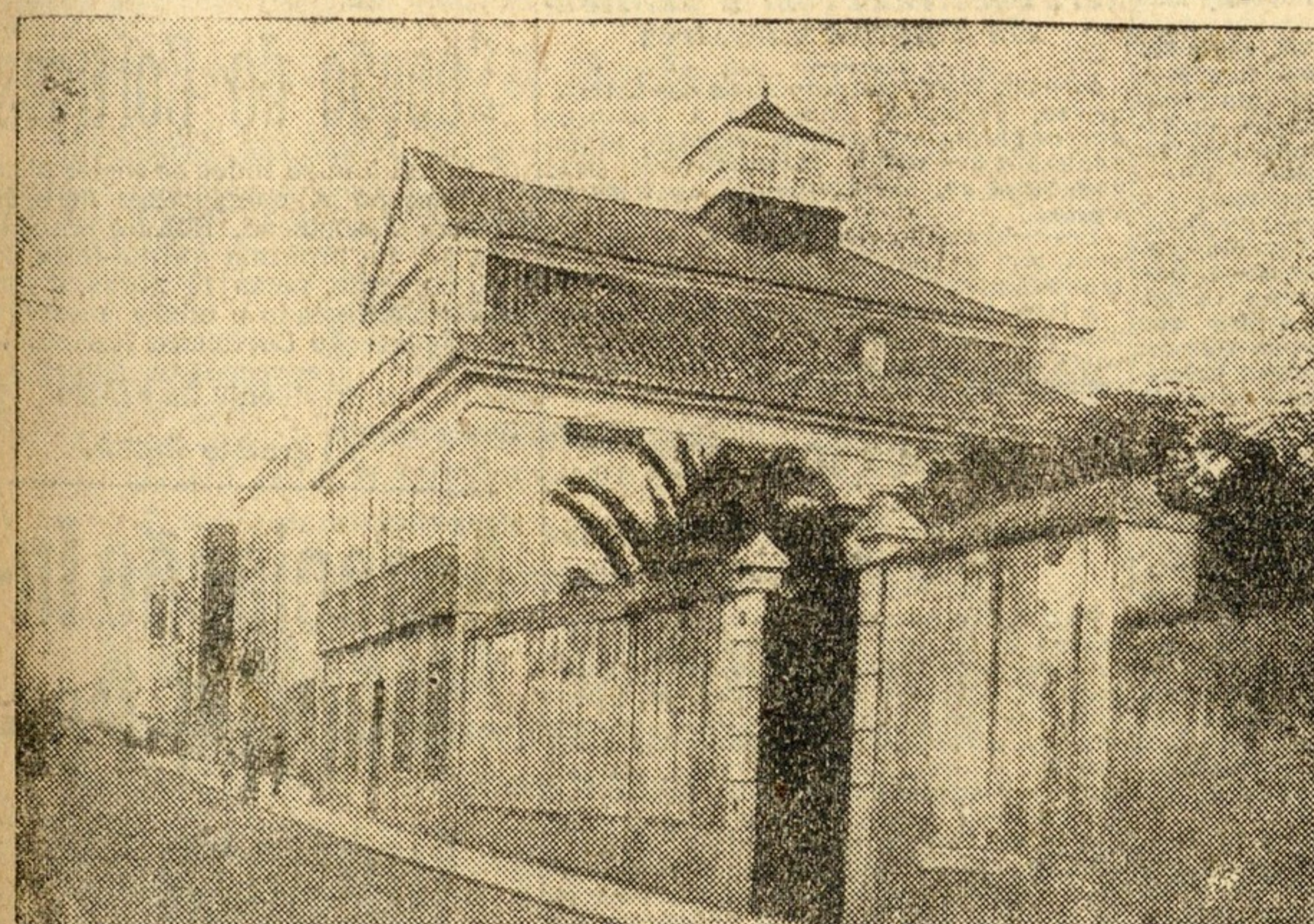
O sr. dr. Mesquita de Carvalho decla-



O ultimo retrato de Guerra Junqueiro

to, no decurso dos tempos, os que sentem o belo e estremecem e se comovem sob o seu influxo imortal.

Com Guerra Junqueiro some-se no tumulto a derradeira figura de uma geração gloriosa e aquela que, n'esta hora, mais perfeitamente incarnava o genio da raça. A sua alma, que era como a luz de um lampadario a arder no culto de Deus e da Patria, conservou, até os derradeiros instantes, a maravilhosa lucidez e a serenidade admirável que lhe permitiram ditar disposições que constituem o coroa-mento de uma evolução mental e moral comprehendida e acatada pela gran- massa dos seus compatriotas. Portuguez como os que melhor o foram, como os que melhor o são; portuguez de escola, em que fulgiu um dos mais singulares talentos poeticos que enriqueceram e nobilitaram a literatura patria, ele exemplificou as virtudes e os defeitos, que ás vezes apenas



A casa da rua Silva Carvalho, 52, á Estrela, onde morreu o grande poeta — O presidente do Ministerio saindo da casa do sr. dr. Mesquita de Carvalho, onde foi apresentar pezames — O pateo da casa da rua Silva Carvalho

ra a enormidade do golpe que nos faz sangrar é a lembrança de que Guerra Junqueiro já havia deixado de ser, na sociedade portugueza, um nome e uma obra que entre alguns ainda se antepunha e agitava como uma bandeira de discordia. Ele proprio se remontara acima dos trucedos dissidios sociais e politicos, pairando muito alto, como as aguias, em cuja estirpe entroncava, nas regiões onde o ar é puro, luminoso e sereno; ele proprio, com a sua conduta, fruto da meditação e do estu-

do em que se comprazia incançavelmente o seu cerebro sublime, deu na morte o exemplo de uma independencia de animo, de uma largueza e superioridade de vistas e de uma elegancia espiritual que não podem nem devem ficar despercebidas e esteis.

A noite de sexta-feira para sabado fóra cruciante de amargura para quantos o rodeavam. A vigilia quebrantava os animos mais fortes; só ele se mantinha sereno. A' meia noite, sua esposa deu-lhe um copo de leite e beijou-o. Era a despedida. Tranquillamente, o Poeta adormeceu e, ás 6 horas, quando o sol fulgurava nas rosas do jardim para onde dava aquele quarto mortuario, seu genro, a um ligeiro estremecimento do doente, verificava que ele tinha acabado de existir.

Nos primeiros momentos, o dr. Mesquita de Carvalho guardou segredo de aquelle golpe doloroso. Ninguém, sabendo onde o ar é puro, luminoso e sereno; ele proprio, com a sua conduta, fruto da meditação e do estu-

Vê
continuação
na
4.ª pagina

A morte de Guerra Junqueiro

Manifestações de pesar do Chefe do Estado, de varias individualidades e de associações

A obra e o homem — Alguns excertos em prosa e em verso do grande poeta

(Conclusão da primeira página)

Athias, secretario geral da Presidencia da Republica; dr. Cardoso de Oliveira, embaixador do Brazil; dr. Augusto de Castro, director do Diario de Noticias; D. Tomaz de Melo Breyner, dr. Ricos Pereira, dr. Eduardo de Sousa, etc.

Entre os muitos jornalistas que ali foram, figurou o nosso presado colega Mario Salgueiro, que apresentou a familia o pezar do Seculo e de quantos trabalham n'esta casa.

Foram de muitas centenas os telegramas de condolencias. O sr. Presidente da Republica, que se encontra no Gerez, enviou os seguintes:

A' viuva — A tristissima noticia da morte do querido e grande amigo, apesar de esperada, lançou-me na mais profunda consternação. Eu e minha mulher juntamos as nossas lagrimas de dor ás lagrimas de v. ex.^a. Muitos e enternecidos cumprimentos.

A' filha, D. Maria Amelia — Envio a v. ex.^a a sincera expressão da mais sentida amargura que sinto neste momento, pela morte do meu grande amigo e seu querido pai.

— A Patria e os Simples são os meus melhores livros. No periodo em que os fiz, a minha inspiração tinha tal facilidade, exuberancia e profundidade, que eu poderia fazer quanto quizesse. Entre fazer a Patria e escrever o Prometeu Libertado, hesitei muito. Por fim decidi-me pela Patria, que é a visão do momento historico portuguez sub specie aternitatis. Toda a minha obra tem uma grande significação moral e aqelle livro era o que eu devia, n'aquelle momento, a minha patria.

Sobre estes dois ultimos livros, o poeta tinha a seguinte opinião:

— Os Simples, concebidos e realidados em estilo popular, são uma obra de inspiração científica onde não ha um vocabulo científico, e um livro de filosofia onde não apparece uma expressão de filosofo.

Guerra Junqueiro fazia versos aos quatorze annos. São algumas quadras inspiradas na vida familiar, que não deixavam ainda apresentar o que mais tarde havia de ser o poeta maximo da nossa literatura contemporanea. A sua estreia literaria pode dizer-se que foi o poemeto romantico Misticas Nupcias, escrito aos dezesseis annos de idade.

A esse tempo, o poeta frequentava já a Universidade de Coimbra, onde, depois, se formou em direito. Tinha concluido os preparatorios no Porto, a cidade onde primeiro o seu espirito acordou para a luz da poesia. Pouco tempo depois de frequentar os bancos da Universidade, publicava as Vozes sem eco e o Batismo de Amor. Sobre o ultimo poemeto escreveu Camilo, no prefacio, estas palavras:

Considero o Batismo de Amor, poema da sr. Guerra Junqueiro, um modelo de que, em que as penas da vida junqueira poderiam ser vistas á sua luz sinistra, modificada pela suavissima luz da poesia. O poeta que, tanto no verbor da vida, e sem experiencia das grandes dores, as soube espalhar tão verdadeiras na alma, e revelar-as tão fiéis na expressão, denota o talento de muito sentir e espiendidamente exprimir.

Guerra Junqueiro colaborou, então, na Folha, que João Penha dirigia. O espirito do poeta formou-se sob a influencia das idéas de Victor Hugo, de Baudelaire, de Proudhon, de Michelet e de Renan. A França apaixonava, a esse tempo, o espirito da mocidade de Coimbra, idealista e revolucionaria, onde a idéa republicana começava a ganhar adeptos. Quando se deu o desastre de Sedan, Junqueiro publicou a Victoria da França, aos vinte annos. Depois de formado, Guerra Junqueiro entrou na politica, exercendo os cargos de secretario geral dos governos civis de Angra do Heroismo e de Viana do Castelo. Em 1878 foi eleito deputado por Macedo de Cavaleiros. Foi curta a sua carreira politica, dentro do partido progressista, onde se filiou. São d'ele estas palavras, escritas no jornal portuense a Patria:

Utilizo-me no partido progressista quando se debata na adversidade e o seu programa de governo era intelligente, honesto e democratico. Exercia eu, n'esse tempo, o encargo de secretario geral da ilha Terceira, devendo a minha nomeação, um pouco á minha convivencia com Barjona de Freitas, mas principalmente e sobretudo, á camaradagem afectuosa de Jaime de Siqueira e á estima literaria de Antonio Rodrigues Sampaio. Subindo ao poder os progressistas, fui transferido dos Açores para Viana do Castelo, eleito deputado á cá a mezes. Por desventura, regressi dos Açores tão gravemente enfermo, que, durante alguns annos, me vi exausto e aniquilado. A custo fui á Camara meia dúzia de vezes. Por incompatibilidade (que eu ignorava) entre as funções legislativas e as de secretario geral, abandonei este cargo, com grande sacrificio para mim. Toda a gente me supunha riquissimo. Enganavam-se.

A minha fortuna era insignificante, e a de minha mulher não era grande. E não só eu dei de um modesto cargo que me auxiliava, mas nunca mais exerci os ambicionados outro qualquer. Quando os progressistas voltaram ao governo, eu quiz voltar ainda ao Parlamento, movido apenas por uma idéa nobre e desinteressada: acompanhar Oliveira Martins, visto que mais do que ninguém eu concorria para levar a uma acção de governo dentro do partido progressista.

Guerra Junqueiro tinha uma fisionomia expressiva, o olhar de uma grande vivacidade, o nariz adunco e a maxilla inferior larga, saliente e angulosa. E' assim que nos o pintou o sr. Luiz de Magalhães: «uma perfeita fisionomia de ave ironica». Tinha a paixão do brio-á-brac, dando preferencia á arte oriental: tapeçarias, porcelanas, faianças, bibelots.

Jurjo Brandão escreveu um artigo biografico, interessantissimo, sobre Junqueiro:

...O grande poeta não tem habitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo; deita-se tambem cedo. Faz versos quando eles querem — costuma dizer — quando grande parte dos seus poemas, passava imerso, n'uma constante laboração mental. Tem as pernas infatigáveis de um globe-trotter. E' muitas vezes, passando, que expõe as suas theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais de uma vez precederam de annos as de grandes homens de ciencia europeus...

...A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de ciencia, algumas gravuras de artistas, e uma mesa de pinho sobre que poe sem alguns retratos queridos: Tolstoi, Hugo, Renan, Pasteur, Luiz Michel... Das suas magnificas coleções de faianças, dos seus rutilantes coladores hispano-árabes, do seu mobiliario e dos seus quadros, apenas o Poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu de arte gótica.

De quando em quando Junqueiro refugiava-se na sua quinta da Barca d'Alva, onde se dedicava á agricultura. Na infancia, era um conversador de genio. Contam-se d'ele algumas anedotas curiosissimas. Tinha ditos de espirito cintilantes. Uma grande parte da sua obra filosofica está ainda inedita. O sr. Agostinho de Campos, no estudo que precede a Antologia de Junqueiro, diz-nos o seguinte:

Quatro mil paginas almaças de apontamentos constituem o cabedal de trabalho escrito, resultante de estudos e meditações de tantos annos. E' sabido já da existencia d'esses preciosos manuscritos, cuja guarda Guerra Junqueiro confiara algum tempo a um Banco suizo, quando sahi de Berne, onde residira como ministro da Republica desde a implantação do actual regimen até pouco antes da explosão da guerra europea.

Em Junqueiro não ha só a fascinação da forma, ha a elevação da idéa, a concepção filosofica da poesia, o descriptivo maravilhoso, a pintura fiel das personagens. As suas poesias correm mundo, traduzidas em varias linguas. Na Suissa era estimadissimo e o Brazil mental tem por Junqueiro uma extraordinaria admiração.

A sua acção politica não é menor que a sua acção literaria. Junqueiro é justamente considerado um dos fundadores da Republica Portuguesa. Os seus livros encerram paginas de combate d'uma grande coragem e de magnum do esforço que custou, mas, inconscientemente epica. Fora eles que, ora rindo, ora batendo, ora simplesmente analisando e comentando, reduziram a pó a ostentação d'aquelle arquitectura de compromissos, transigencias, meios, principios, intenções excellentes, pouca coragem e escassa logica.

O extraordinario poeta que acaba de morrer, chegou a 73 annos de idade. A aguiça quebrou as azas — ela que se elevou tão alto, que esteve proximo de Deus.

Ultimamente, dedicava-se á agricultura, na sua quinta da Barca d'Alva, onde la compoendo e revendo as suas paginas de filosofia, que o eminente poeta tentava legar ao Estado. São d'ele estas palavras:

...Contentar-me-hei de aplicar a existencia que me resta na elaboração da synthese dos meus livros de filosofia. Dentro de breves dias (isto passava-se em 31 de maio de 1919) vou partir para a minha casa do Porto, onde começarei a escrever esse livro, que terá apenas umas duzentas e cincuenta paginas e deve estar pronto dentro d'um ano, ou ano e meio. Não posso fazer mais, e bem contente ficarei se fizer tanto; porque, do contrario, e apesar da obra poetica que tenho publicada, se não conseguir levar a cabo este trabalho, morrerei desconhecido.

Guerra Junqueiro escreveu os seguintes livros: poemetos e artigos: Duas paginas de quatorze annos (1864); Misticas Nupcias (1866); Vozes sem eco (1867); Batismo de Amor (1868); A Victoria da França (1870); A Hespanha Livre (1873); A morte de D. João (1874); O crime (1875); Tragedia Infantil (1877); Contos para a Infancia (1877); Aos Veteranos da Liberdade (1878); O Melro (1879); A Musa em Férias (1880); A Velhice do Padre Eterno (1885); Fim das Patrias (1890); Canção do Odio (1890); Os Simples (1892); Patria (1893); Oração do Pão (1902); Oração á Luz (1903); artigo em francez sobre «O Radio e a radiação universal», publicado em La Revue (1904); Theorie de certaines actions radio-biologiques (1910); A execução d'uma quadrilha, longo artigo de defeza pessoal e politica, publicado no jornal portuense A Patria (1910); Poetas dispersos (1920). Estão no prelo as Prozas dispersas, recolla de artigos publicados em varios jornaes. O espirito de Guerra Junqueiro não ficou indifferente ao grande conflito armado que estalou em 1914. Publicou, no Porto, O monstro alemão (1918), onde se podem ler paginas admiráveis sobre o materio de Edith Cavell, sobre Attila, Joana d'Arc, etc.

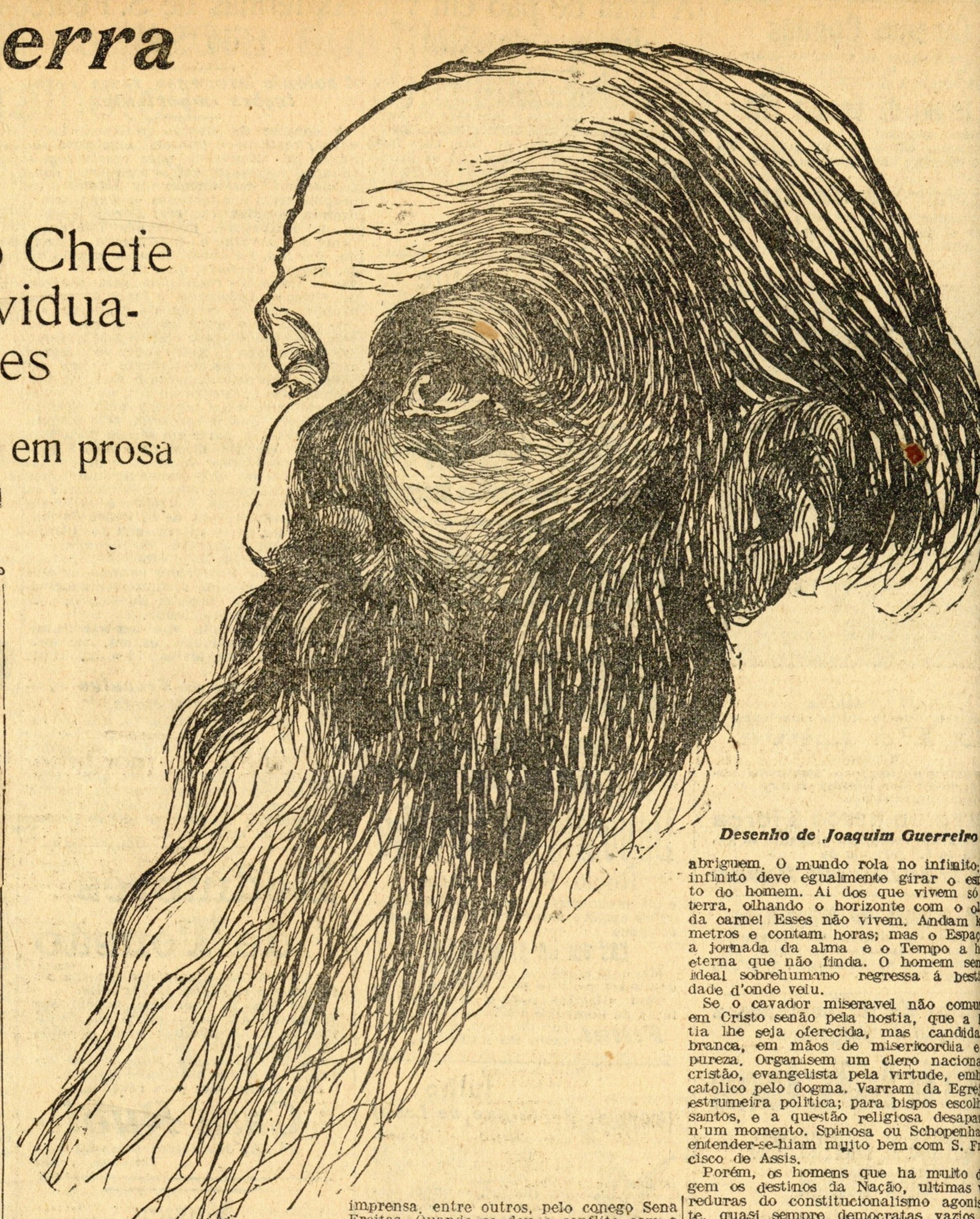
Notas biograficas

Abilio Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada-à-Cinta (Traz-os-Montes), a 17 de setembro de 1850, sendo filho do abastado negociante e lavrador José Antonio Junqueiro Junior e de D. Ana Guerra, que faleceu quando seu filho contava apenas tres annos de idade. Estudou preparatorios no liceu do Porto e matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1873. Depois de formado, entrou na carreira politica, tendo desempenhado varios logares publicos.

Em 1868, já Luciano Cordeiro, no seu Livro de critica, lhe registava o nome entre os dos mais esperancosos da nova geração de poetas portuguezes. Quando appareceu A Morte de D. João toda a imprensa se occupou d'ela, fazendo-lhe os maiores elogios. Camilo tambem lhe consagrou um artigo nas Notas de Insonnia e Oliveira Martins na revista Arte e Letras.

Vindo residir para Lisboa, foi colaborador em prosa e verso, de jornaes politicos e artisticos, como a Lanterna Magica, com a colaboração de desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro. Traduziu e colleccionou um volume de contos de Andersen e outros. Quando voltou dos Açores, foi atacado de uma grave enfermidade de estomago. Resolveu ir tratar-se a Caeterets, mas não saiu de Paris, onde, segundo um dos seus biographos, iniciou o tratamento com canções de «vaudeville», harmonias da Opera, digressões ao Bois de Boulogne e passeios nos «boulevards».

Em 1885, no seu regresso publicou A Velhice, que provocou acerbas replicas por parte da opinião clerical, representada na



Desenho de Joaquim Guerreiro

abrigo. O mundo rola no infinito, infinito deve igualmente girar o espirito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horizonte com o olhar da carne! Esses não vivem. Andam kilometros e contam horas; mas o Espaço a jornada da alma e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem ideal se achamam regressa á bestialidade d'onde veiu.

Se o cavador miseravel não commoem Cristo senão pela hostia, que a hostia lhe seja oferecida, mas candida, branca, em mãos de misericordia e pureza. Organismem um clero nacional cristão, evangelista pela virtude, embo catholicos pelo dogma. Varram da Igreja estremeira politica; para bispos escolhas santos, e a questão religiosa desapareça n'um momento. Spinoza ou Schopenhauer entendo-se-hiam muito bem com S. Francisco de Assis.

Porém, os homens que ha muito de gem os destinos da Nação, ultimas verduras do constitucionalismo agnostico, te, quasi sempre democratas vazios e videntes, são incapazes de um plano de governo, gerado n'uma filosofia superior, amoldado a uma razão pratica luminosa e traduzido em factos por uma vontade inabalavel e continua. Que é, francamente, visam apenas salvar o interesse, o seu egoismo e as suas lajoulas de mediocres...

(Da Patria)

Post-scriptum

DA «VALA COMUM»

Quando eu morrer, abram-me o peito. E d'esta jaula, onde houve um leão, Tirem (o carcere era estreito) Meu velho e altivo coração.

Depois, sem dó e sem respeito, Sem um murmuro de oração, Lancem-no assim, vae satisfeito, A' vala obscura, á podridão.

Para que durma e se desfaça No lódo amargo da Desgraça, Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha Estoura ao fim de uma batalha, Rouco, furioso, ancioso, ardente!

Da Velhice do Padre Eterno

Falam pocilgas de operarios

Crianças rötas, sem abrigo... A enxerga é pobre e a roupa é leve. Quarto sem luz, mesa sem trigo... Quem é que bate ao meu portigo? — A Nevel!

A usura rouba a luz e o ar E o negro pão que a gente come... Inverno vil... Parou o tear... Quem vem sentar-se no meu lar? — A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto Na terra humida. Senhor! A mãe sem leite... o pai a um canto. Quem vem além, torva de espanto? — A Dor!

Alcool! Veneno que conforta, Monstro satânico e sublime... Beber! Beber... e a magua é mortal! Quem é que espregia á nossa porta? — O Crime!

Doze annos já, e semi-nua! A mãe, que é d'ela?... O pai no offico. Corpo em botão de aturona e lua... Quem canta além n'aquella rua? — O Vicio!

A fome e o frio, a dor e a usura, O vicio e o crime... ignobil sortel! Oh vida negra! Oh vida dura... Deus! Quem consola a Desventura? — A Morte!

(Do «Fim das Patrias»)

Excertos

Missão de um bom Governo

Houve profetas que domaram leões, martires que aterraram algomez. E quando um homem ou um povo succumbem altivos em nome da Verdade, esse homem resuscitará nas consciencias, e esse povo resuscitará na Historia. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do tumulo. O covarde, mergulhando em lódo, em lódo agoniza e em lódo se transforma.

Qual era, pois, a grande missão de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espiritos um só espirito, juntar quatro milhões de vontades n'uma só vontade. Raros de luz, divergentes, aquecem; convergentes, abramam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quasi estepeis, na indifferença colectiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portugueza. Mas a abnegação e o sacrificio de todos, a comunhão unanime e grandiosa n'um ideal de justiça, n'um ideal de Patria, transfiguram-nos-hia por encanto, de povo de chadins em povo de heroes, de mortos com direito ao cemiterio, em gente viva com direito ao pão, com direito á luz.

E o problema religioso, nada mais singular: na esfera do pensamento, liberdade absoluta; na esfera dos atos tolerancia reciproca.

O povo dos campos mantem a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um lingua: o Padre, Faltam-do-lhe a hostia, falta-lhe o Cristo. Levando-lhe á Igreja, levam-lhe o Céu.

O Catholicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura pallida, inumeras aves innocentes gorgeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lancemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingenhosos que o povoam outra verdura calma onde se

Ó almas que víveis puras, immaculadas, Na torre de luar da graça e da luzão, Vós que inda conservaes, intactas, perfumadas, As rosas para nós ha tanto desfolhadas, Na aridez sepulcral do nosso coração: Almas, filhas da luz das manhas harmoniosas, Da luz que accorda o berço e que entreabre as rosas, Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor, Que faz rir um néctario ao pé de cada flor; Almas, onde resplande, almas onde se espelha A candura innocente e a bondade cristã, Como n'um céu d'abril o arco da aliança, Como n'um lago azul a estrela da manha, Almas, urnas de fé, de caridade e esperança, Vasos d'olro contendo aberto um lirio santo, Um lirio imorredouro, um lirio alabastrino, Que os anjos do senhor vem orvalhar com pranto, E a piedade florir com seu clarão divino: Almas que atravessaes o lódo da existencia, Este lódo perverso, inlquo, envenenado, Levando sobre a fronte o esplendor ac innocencia, Calcando sob os pés o dragão do pecado; Bemditas sejas vós, almas que est'alma adora, Almas cheias de paz, humildade e alegria, Para quem a consciencia é o sol de toda a hora, Para quem a virtude é o pão de cada dia! Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo, E quando sempre branca a sorrir e a cantar; — Dedes a esmola que eu dou á prece que eu murmuro — E' vosso: fostes vós o meu primeiro altar. Lá da minha distante e encantadora infancia, D'esse ninho d'amor e saudade sem fim, Chega-me ainda a vossa angelica fragrança. Como uma harpa eólia o cantar a distancia, Como um veu branco ao longo inda a acenar por mim! Minha mãe, minha mãe, al que saudade imensa, Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti! Gália mansa a noite; e andorinhas aos pares Cruzavam-se voando em torno dos seus lares Suspeitos do beiral da casa onde eu nasci. Era a hora em que já sobre o feno das ciras Dormia quieto e manso o impavido lebreu. Vinham-nos das montanhas as canções das ceifeiras, E a lua branca, além, por entre as oliveiras, Como a alma d'um justo, la em triunfo ao ceul... E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço, Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço, Eu balbucava a minha infantil oração, Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento Que mandasse um alívio a cada sofrimento, Que mandasse uma estrela a cada escuridão, Por todos os orava e por todos os dias. Pelos mortos no horror da terra negra e fria, Por todas as paixões e por todas as maguas, Pelos miseros que entre os uivos das procelas Vão em noite sem luz e n'um barco sem velas Errantes atrevendo do turbilhão das aguas, O meu coração puro, emlucado e santo Já ao trono de Deus pedir, como inda vae, Para toda a nudez um pano do seu manto, Para toda a miséria o orvalho do seu pranto E para todo o crime o seu perdão de Pacl... A minha mãe falou-me era eu pequenino, Mas da sua piedade o fulgor diamantino Ficou sempre abençoando a minha vida. Como junto d'um leão um sorriso divino Como sobre uma força um ramo d'oliveira!

AOS SIMPLES

Ó almas que víveis puras, immaculadas, Na torre de luar da graça e da luzão, Vós que inda conservaes, intactas, perfumadas, As rosas para nós ha tanto desfolhadas, Na aridez sepulcral do nosso coração: Almas, filhas da luz das manhas harmoniosas, Da luz que accorda o berço e que entreabre as rosas, Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor, Que faz rir um néctario ao pé de cada flor; Almas, onde resplande, almas onde se espelha A candura innocente e a bondade cristã, Como n'um céu d'abril o arco da aliança, Como n'um lago azul a estrela da manha, Almas, urnas de fé, de caridade e esperança, Vasos d'olro contendo aberto um lirio santo, Um lirio imorredouro, um lirio alabastrino, Que os anjos do senhor vem orvalhar com pranto, E a piedade florir com seu clarão divino: Almas que atravessaes o lódo da existencia, Este lódo perverso, inlquo, envenenado, Levando sobre a fronte o esplendor ac innocencia, Calcando sob os pés o dragão do pecado; Bemditas sejas vós, almas que est'alma adora, Almas cheias de paz, humildade e alegria, Para quem a consciencia é o sol de toda a hora, Para quem a virtude é o pão de cada dia! Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo, E quando sempre branca a sorrir e a cantar; — Dedes a esmola que eu dou á prece que eu murmuro — E' vosso: fostes vós o meu primeiro altar. Lá da minha distante e encantadora infancia, D'esse ninho d'amor e saudade sem fim, Chega-me ainda a vossa angelica fragrança. Como uma harpa eólia o cantar a distancia, Como um veu branco ao longo inda a acenar por mim! Minha mãe, minha mãe, al que saudade imensa, Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti! Gália mansa a noite; e andorinhas aos pares Cruzavam-se voando em torno dos seus lares Suspeitos do beiral da casa onde eu nasci. Era a hora em que já sobre o feno das ciras Dormia quieto e manso o impavido lebreu. Vinham-nos das montanhas as canções das ceifeiras, E a lua branca, além, por entre as oliveiras, Como a alma d'um justo, la em triunfo ao ceul... E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço, Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço, Eu balbucava a minha infantil oração, Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento Que mandasse um alívio a cada sofrimento, Que mandasse uma estrela a cada escuridão, Por todos os orava e por todos os dias. Pelos mortos no horror da terra negra e fria, Por todas as paixões e por todas as maguas, Pelos miseros que entre os uivos das procelas Vão em noite sem luz e n'um barco sem velas Errantes atrevendo do turbilhão das aguas, O meu coração puro, emlucado e santo Já ao trono de Deus pedir, como inda vae, Para toda a nudez um pano do seu manto, Para toda a miséria o orvalho do seu pranto E para todo o crime o seu perdão de Pacl... A minha mãe falou-me era eu pequenino, Mas da sua piedade o fulgor diamantino Ficou sempre abençoando a minha vida. Como junto d'um leão um sorriso divino Como sobre uma força um ramo d'oliveira!